

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO (PUC-SP)

FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE (FACHS)

CURSO DE PSICOLOGIA

MARIA EUGÊNIA MOREIRA

LEITURA INTRODUTÓRIA DA OBRA "*O AMOR DOS HOMENS AVULSOS*"
PELA PSICANÁLISE FREUDIANA:

INCESTO CONSENTIDO ENTRE IRMÃOS

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

PROF. RICARDO RADIN

SÃO PAULO

2023

MARIA EUGÊNIA MOREIRA

LEITURA DA OBRA "*O AMOR DOS HOMENS AVULSOS*", DO ESCRITOR
CARIOCA VICTOR HERINGER, PELA PSICANÁLISE FREUDIANA:

INCESTO CONSENTIDO ENTRE IRMÃOS

Trabalho realizado como exigência parcial para a graduação no curso de Psicologia da Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).
Orientador: Prof. Ricardo Radin

SÃO PAULO
2023

Agradecimentos

Agradeço ao meu orientador pela maestria com que me guiou neste presente trabalho; agradeço aos meus pais pelo incentivo ao tema; agradeço à Patrícia e ao meu avô pelo carinho; agradeço ao Victor Heringer pelos textos que mudaram a minha vida.

RESUMO:

O amor dos homens avulsos (2016) é uma obra repleta de casos psicanalíticos e pode, através de uma leitura crítica, proporcionar reflexões importantes no campo da psicanálise sobre situações situadas dentro e fora da prática clínica. Situada em um Rio de Janeiro fictício, a obra apresenta diferentes possibilidades de interpretação de conflitos reais relatados de modo literário, trazendo de maneira ilustrada processos descritos por Freud ao longo dos anos de formação da teoria psicanalítica. Esta pesquisa se propôs analisar através das lentes da psicanálise e via acepções freudianas de incesto, sexualidade e falta, a relação incestuosa entre os personagens Camilo e Cosme e as consequências psíquicas dessa relação no futuro do narrador. Passando por aspectos da teoria sociológica e psicanalítica sobre incesto, a relação amorosa entre os irmãos foi analisada através dos termos da parentalidade, do consentimento, da homossexualidade e do narcisismo, sendo o caso de uma relação romântica e sexualmente correspondida entre os personagens dentro do âmbito e da estrutura familiar comum. A pesquisa foi pensada a partir das obras *Totem e Tabu* (1913), *Três ensaios sobre a sexualidade* (1905 [1987]) e *Um tipo de escolha especial de objeto feita pelos homens* (1910), com leituras complementares de autores como Claude Lévi-Strauss e L. Alfredo Garcia-Roza.

Palavras chave: *irmãos; literatura; psicanálise; incesto; Victor Heringer.*

SUMÁRIO:

1. INTRODUÇÃO: A relação entre a psicanálise e o uso das literaturas	06
2. OBJETIVOS:	11
3. METODOLOGIA:	12
I. O Amor dos Homens Avulsos: Introdução à problemática incestuosa e ao tabu:	16
II. O incesto n'O Amor dos Homens Avulsos, na sociedade e na discussão psicanalítica:	19
III. Masculinidade, sexualidade infantil e o desenrolar da relação entre os irmãos Cosmim e Camilo:	26
IV. O luto e a melancolia n'O Amor dos Homens Avulsos:	33
V. O papel das lembranças e a transferência perversa:	37
4. CONCLUSÃO:	40
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:	41

Introdução:

A relação entre a psicanálise e o uso das literaturas.

Este trabalho se propõe analisar, a partir de aspectos clínicos da teoria psicanalítica, elementos que surgem na obra de Victor Heringer, *O Amor dos Homens Avulsos* (Companhia das Letras, 2016). Mais especificamente, foram analisados o estabelecimento de uma relação incestuosa consentida entre os personagens e as suas consequências - ambos narrados em primeira pessoa, como em um discurso de livre associação e rememoração do personagem, seguindo de maneira similar ao processo analítico da clínica. Através de diversas leituras da obra de Heringer e seguindo o fluxo narrativo do personagem, foram trabalhados os pontos emergentes necessários para uma apreensão do caso incestuoso, como o ponto narcísico e o ponto melancólico do discurso, sempre no limite daquilo o que a literatura é capaz de propor, sem a poluição de suposições clínicas forçadas sobre o conteúdo latente da obra.

Freud tratou, em *"A Interpretação dos Sonhos"* (1899), o funcionamento e a distinção entre os conteúdos latentes e os manifestos, sendo que a elaboração do sonho seria o processo de transformação de um no outro. MONIZ (1993), refere-se que esse processo "[...] também [acontece] na criação literária e artística. É preciso ao ler o que está escrito descobrir o que se esconde atrás da exposição." (MONIZ, Edmundo, 1993). Sobre tal atividade de escavar a obra literária atrás de seus significados e possíveis objetos de análise, CAVALCANTE (2005) nos lembra que "[...] de fato, é nesse sentido que a literatura, por seus meios particulares de apreensão do que escapa à lógica da razão, surge como o laboratório, juntamente com a clínica, no qual Freud se exercita na investigação da psique." (CAVALCANTE, Leônia, 2005).

O conceito de sublimação proposto por Freud (1908) - aquele que trata dos destinos pulsionais em processos criativos - é o que possibilita, no caso da produção artística e literária, o exame dos objetos discursivos. Freud tratou do processo sublimatório como maneira tomada para

apaziguar um sofrimento psíquico, um mecanismo saudável que envolve os conceitos de economia de energia psíquica e determinação inconsciente. A literatura como objeto de análise precisa ser entendida também como possível produto desse mecanismo, propositalmente ou não, o que significa a existência de uma inscrição subjetiva daquele que a escreve. Sobre essa inscrição subjetiva, CARVALHO (2006) ressalta que *"[...] O cenário da criação literária é cercado de riscos, não apenas porque o que se pretende [...] é ir além dos limites da linguagem [...] mas também por causa da natureza do afeto que, se não mobiliza essa criação, é mobilizado imprevisivelmente por ela"*. Sendo assim, por meio dessa intenção inconsciente de usar a produção literária como destinação pulsional, torna-se necessário olhar para o texto literário como agente de impressões, interpretações, atravessamentos e ressonâncias, tanto para a própria pessoa que o produziu quanto para aquele que o leu. Torna-se ocupação da psicanálise olhar para esses pontos com olhar crítico e clínico, fazendo extrair uma interpretação do conteúdo presente e do oculto, além de se ocupar da investigação das mobilizações causadas e sentidas.

"[...] A literatura torna-se um imenso reservatório de material clínico, oferecendo sua matéria-prima – simbolizações, palavras, formas imaginárias, figuras de linguagem, escansões – às intuições clínicas ainda errantes em Freud. Assim, as filiações literárias marcam a elaboração da psicanálise, a ponto de Freud elucidar um ponto-chave de sua teoria, a saber, a homologia entre o trabalho do sonho e a elaboração da obra de arte, atribuindo à obra um saber igual, embora elaborado diferentemente, sobre o inconsciente"
(CAVALCANTE, Leônia, 2005)

A prática interpretativa, também conhecida como hermenêutica ou *hermeneutike*, dá as caras em FREUD (1900) no emprego do termo *Deutung* para designar a interpretação ligada à ideia de esclarecimento, sugerindo que além de interpretar é preciso que haja também explicação

do sentido subjacente. MEZAN (2002) marca a diferenciação entre os termos quando diz que “[...] *É assim que a interpretação psicanalítica deixa de ser uma espécie de hermenêutica para ganhar seus contornos próprios e sua característica específica: não apenas uma tradução, mas instrumento de modificação*” (MEZAN, 2002, p. 179). Ou seja, não seria trabalho da psicanálise apenas encontrar o determinante oculto no discurso ou no texto, mas em adição também demonstrá-lo - e é também esse o objetivo deste trabalho.

Vale ressaltar aqui o valor da literatura em relação à psicanálise como maneira de elaboração da teoria, meio usado pelo próprio pai da psicanálise em suas diversas analogias e tratamentos de mitos, folclores e contos populares. Como BELLEMIN-NOËL (1996) nos lembra em sua obra “*A psicanálise do texto literário*” (1996), Freud escreveu repetidas vezes sobre o dever dos psicanalistas em escutar o que nos dizem as ficções, se relacionando com aquilo o que é dito como se fosse uma abertura às sugestões do inconsciente por detrás das obras. Ainda, é necessário que se entenda o uso da literatura na prática psicanalítica como um uso que parte da prática interpretativa, prática ímpar dentro da psicanálise e que teve início por parte dos gregos. Antes, a interpretação era uma atividade manifesta majoritariamente no campo religioso dos eventos, não da linguagem, sendo encontrada basicamente em práticas iniciatórias e em atividades religiosas dissociadas do objeto discursivo. Segundo MEZAN (2002), essa laicização da interpretação ocorreu de forma a que fossem necessárias “[...] *ao menos duas condições: a constituição de um corpus literário vasto e diversificado e a constatação de que o sentido de muitos trechos desse corpus já não era evidente a um leitor desavisado*” (MEZAN, 2002, p. 175). Sendo assim, o papel da psicanálise frente ao texto literário deve ser o mesmo que o exercido frente aos outros tipos de discurso na clínica, como o discurso de associação livre e os relatos sobre sonhos: o papel de buscar aquilo que é ocultado no discurso, consciente ou inconscientemente, dando sentido através da prática interpretativa e trazendo luz ao conteúdo latente.

"Freud trabalha com exemplos retirados tanto de sua experiência clínica quanto da literatura, guiado por Lady Macbeth, tratando-os com o mesmo cuidado e importância, escrevendo: 'após essa longa digressão pela literatura, retornemos à experiência clínica – mas apenas para estabelecermos em poucas palavras a inteira concordância entre elas' (p. 374)" (CAVALCANTE, Leônia, 2005)

Na literatura teórica da psicanálise, a temática do incesto aparece em algumas obras e trabalhos de modo a ser pensado pelo viés do trato social e do abuso, sendo *"Totem e Tabu"* (1913) e *"Estudos sobre a histeria"* (1893-1895) obras do próprio Freud em que esse tema eclode. Nessa última obra, nos deparamos com *"O Caso Katharina"*, caso dos anos 90 de dois séculos passados onde a problemática do incesto aparece e é relatado por Freud juntamente a Breuer, iniciando um grande momento de transição na teoria. O caso trata de uma menina "ruim dos nervos" que começou a apresentar sintomas histéricos após flagrar o pai tendo relações com a irmã e que, após um processo de análise com Freud, passa a lembrar de investidas sexuais do pai contra ela própria. O teor do caso, porém, também aponta para a direção do abuso e do trauma, sendo a questão do consentimento quase invisível na bibliografia disponível dentro da teoria e que torna, justamente, imprescindível a análise de outras literaturas na busca do entendimento e de objetos de tratamento (casos) dentro da temática do consentimento.

"[...] os laços entre os dois campos se evidenciam como estreitos desde o nascimento da psicanálise, já estando presentes no espaço literário os temas que serão mais caros ao campo teórico psicanalítico: desejo, verdade, sonho, censura, estados mórbidos, segredo, duplo, narcisismo, herói, culpabilidade, motivação, incesto, laços familiares, estranho, transgressão, prazer...". (CAVALCANTE, Leônia, 2005)

Enquanto na bibliografia da psicanálise essa temática ainda aparece de maneira inicial, tratada principalmente sob o olhar do abuso e das relações de poder intrafamiliares, na literatura o tema já foi abordado diversas vezes sob a óptica do consentimento e do apaixonamento, sendo obras assinadas por, por exemplo, Vladimir Nabokov (*Ada ou Ardor*, 1969), Raduan Nassar (*Lavoura Arcaica*, 1975) e até nas obras de Eça de Queirós (*A tragédia da rua das flores*, 1980; *Os Maias*, 1888S).

"[...] Freud dizia que as recordações da infância são da maior importância para o entendimento da vida do homem, e lamenta que os biógrafos das grandes personalidades pouco se ocupem dessa época. As ocorrências da infância são mais esclarecedoras quando se trata de um artista ou de um homem de letras. A pintura, a escultura, a música, a poesia são substitutivos dos brinquedos de criança. Uma sublimação do período infantil." (MONIZ, Edmundo, 1993)

Objetivo:

Esta pesquisa tem como objetivo trazer à luz da psicanálise a temática do incesto consentido entre irmãos a partir da obra *O amor dos Homens Avulsos*, do escritor carioca Victor Heringer, apontando para as dificuldades e delicadezas de bibliografia e abordagem sobre o tema dentro do âmbito de pesquisa e teoria psicanalítica. Assim como em outras obras do autor, *O amor dos homens avulsos* expõe problemáticas que interessam à teoria psicanalítica, visto que a temática incestuosa e as suas consequências psíquicas ainda são pouco discutidas no campo, sendo optada a psicanálise freudiana para a análise proposta neste estudo.

Tratando-se de uma pesquisa introdutória, a leitura inicial da obra tem como objeto de análise a relação incestuosa entre os irmãos Camilo e Cosme, reunidos em plena adolescência por façanha do pai e admitidos em papel de parentalidade. Passando por acepções freudianas de tabu, sexualidade e, eventualmente, luto e melancolia, a obra carioca tem seus eventos desconjuntados e analisados através das lentes psicanalíticas adotadas nesta pesquisa. A base teórica desta pesquisa conta, principalmente, com as obras de Freud *Totem e Tabu* (1913), *Três Ensaio sobre a Sexualidade* (1905), *Luto e Melancolia* (1915) e *Um tipo de escolha especial de objeto feita pelos homens* (1910), sendo usadas também as obras de Sônia Thorstensen (*Incestualidade*, 2011), Renato Mezan (*Interfaces da psicanálise*, 2002) e de Silvia Bleichmar (*Paradoxos da Sexualidade Masculina*, 2009). Acepções sociológicas da terminologia *incesto* também foram apresentadas, trazendo teóricos como Lévi-Strauss, Figari e Gobbetti, que trabalham a terminologia e analisam o trato da relação de parentesco e filiação incestuosa, visando aprofundar a análise da obra e a compreensão sobre como são constituídas as relações incestuosas consentidas.

Metodologia:

A estrutura do desejo incestuoso, a sua interdição e a dificuldade de ser suportado é um fator divisório no sujeito. QUINET (2015) relaciona o Édipo de Freud com essa divisão, dizendo que “[...] *“Diante do desejo o sujeito se divide: ele o rejeita e o conserva. Divisão entre o consciente e inconsciente”* (QUINET, 2015, p. 17). O recurso à cultura da peça de Sófocles ilustra o desejo incestuoso, enquanto a escuta dos pacientes traz as fantasias que existem e participam ativamente dos processos simbólicos e, ainda, a autoanálise do psicanalista (no caso, de Freud) constata a existência desse desejo incestuoso, seja pelos pais ou irmãos. Em *Moisés e o Monoteísmo* (1938), Freud volta a mencionar a lenda de Édipo, dessa vez trazendo o horror ao incesto, dizendo que “[...] *a aversão a ela [experiência sexual infantil com os pais] é tão grande que as pessoas tentam silenciar qualquer menção ao assunto proscrito e os mais óbvios lembretes dele são menosprezados por uma estranha cegueira intelectual*” e fazendo valer a crítica sobre a pouca discussão sobre o assunto, mesmo nos dias atuais.

“[...] Aventuro-me a dizer que, se a Psicanálise não pudesse gabar-se de mais nenhuma realização além da descoberta do complexo de Édipo reprimido, só isso já lhe daria direito a ser incluída entre as preciosas novas aquisições da humanidade.” (FREUD, 1938)

O horror ao incesto aparece quinze anos mais tarde nas obras de Freud, no livro intitulado “Totem e Tabu”, sendo que anteriormente a isso o horror ao desejo incestuoso era tratado como sendo meramente impulsos de teor hostil. Frente a esse horror estão as fantasias que Freud trata como parte da realização do desejo de maneira ficcional, mas subjetivamente verdadeira: “[...] *no inconsciente, não há indicações da realidade, de modo que não se consegue distinguir entre a verdade e a*

ficção que é catexizada com o afeto. (Assim, permanecia aberta a possibilidade de que a fantasia sexual tivesse invariavelmente os pais como tema)” (FREUD, 1897/2006, p. 310). Em sua carta 91, Freud escreve a Fliess:

“[...] Não há dúvida de que [esse texto] está relacionado com uma defesa poética contra a lembrança de um caso [sexual] com a irmã. É estranho, porém, que esta [defesa] se dê exatamente como na neurose. Todos os neuróticos criam o chamado romance familiar (que se torna consciente na paranóia); ele atende, de um lado, à necessidade de auto-enaltecimento e, de outro, [serve] como defesa contra o incesto. Quando a própria irmã não é filha da mesma mãe, fica isento de qualquer responsabilidade. (O mesmo se aplica [à situação em que] se é filho de outras pessoas.) De onde vem o material para criar o romance — adultério, filhos ilegítimos e coisas semelhantes?” (FREUD, 1898/1986 p. 318).

Esse movimento em busca do entendimento dos desejos incestuosos de início edipiano vem sendo tratado desde o início da psicanálise, sendo uma questão na psicanálise freudiana muito presente em textos, cartas, casos e afins. A problemática do desejo intrafamiliar, porém, também foi tratada e discutida por alguns psicanalistas Lacanianos através do destaque no papel da castração como operação simbólica e também da representação simbólica das figuras paternas nessa operação, baseadas na metáfora paterna.

“[...] Lacan escreve, com sua fórmula, os elementos essenciais já destacados por Freud: a importância da incidência da lei sobre a relação incestuosa da criança com a mãe; o lugar do pai como representante dessa lei [...]” (FARIA; REIS, 2010, p. 104).

Como ressoar desta questão de bases teóricas sobre o incesto, essa pesquisa se propõe ao desafio de fazer uma leitura da obra “*O Amor dos Homens Avulsos*” sem que o objeto seja colocado em uma espécie de divã imaginário, como se estivesse em prática clínica, sendo essa uma dificuldade sensível dentro do campo de pesquisa em psicanálise. Sobre esse desafio prático, Garcia-Roza diz que:

“[...] Se a verdadeira pesquisa em psicanálise é a que nos permite constituir um saber sobre o inconsciente, e se isso só é possível na experiência clínica, então a pesquisa acadêmica em psicanálise consistiria na reprodução dessa experiência clínica. Esta seria inclusive a possibilidade de se manter o discurso psicanalítico como objeto dessa pesquisa. Mas, nesse caso, a pesquisa consistiria numa simples transposição da clínica privada para a universidade.”
(GARCIA-ROZA, 2007, p. 15)

Ainda sobre essa dificuldade de se colocar o texto no papel de objeto da pesquisa, Rayi Kena oficializa em seu livro “Elogio à repetição: Matilde Campilho & Marília Garcia” (Editora Urutau, 2021): “*[...] a essa abordagem questionadora e problematizadora dos materiais texto, língua, linguagem (e mesmo essa apropriação do texto enquanto material) [...] o tensionamento dito e esclarecido entre objeto e sujeito [...] se mostra muito mais profícuo tanto para a obra - pois complexifica sua existência - quanto para nosso ofício analítico, já que também está posta em questão a própria tensão produtiva no momento da criação, gerando outros mil encadeamentos potenciais de reconhecimento e investigação crítica.*” (KENA, 2021, p. 12). Assim, o sujeito que acaba ficando em foco (Victor Heringer) e o objeto da pesquisa (a obra) entram em uma posição delicada de exposição a nível de suposições feitas a partir de uma teoria - a teoria freudiana. Ainda sobre isso, REBATÉ (2017) é assertivo quando ressalta o risco desse tipo de análise de literatura feito por Nabokov -

Vladimir Nabokov, vale dizer, aquele que escreveu um livro que fala abertamente de uma relação incestuosa entre irmão e irmã:

"[...] a segunda geração do freudismo transformara a crítica literária em uma caça a símbolos, projeções e interpretações selvagens. Nabokov denunciou essa prática como um retorno ao alegorismo medieval." (REBATÉ, Jean-Michel, 2017.)

Por fim, esta pesquisa visa entender e colaborar com o entendimento das relações consentidas e consumadas entre irmãos, abraçando a hermenêutica de desconfiança e levando em conta as visões da psicanálise de Freud e também a visão sociológica do acontecimento incestuoso dentro de uma cultura e comunidade, tentando entender desde o início do desejo até a sua consumação e consequência. Leituras de autores como Lévi-Strauss, Faria, Gobbetti, Gouveia e Figari complementam o estudo dos impactos dessa relação sob diferentes ópticas sociais e buscando preencher a lacuna bibliográfica sobre incesto consentido entre irmãos, enquanto leituras de Sigmund-Freud, Lacan e Garcia-Roza deram fundo teórico para uma análise psicanalítica não só da obra, como do evento incestuoso.

I. O Amor dos Homens Avulsos: Introdução à problemática incestuosa e ao tabu

Em *O amor dos homens avulsos* (2016), o escritor carioca Victor Heringer nos apresenta a construção de um afeto que não se reduz aos limites morais e funcionais dos papéis familiares. Logo no início do romance, o narrador-protagonista (Camilo) é surpreendido, em uma tarde de sol na Rio de Janeiro fictícia, pela chegada de Cosme, um menino esbelto e de aparência saudável; Camilo, ao contrário, um menino miúdo, preso a um cajado de pau de goiabeira devido a uma monoparesia do membro inferior que causava uma fraqueza na perna, “[...] *aleijado, mas não muito. Aos cinco já mancava; aos oito, de muleta*” (HERINGER, 2016, p.14). A primeira impressão do narrador é violenta, de incômodo e ódio descabido frente à figura do menino, e pode ser interpretada, em uma leitura inicial, como uma reação frente a um corpo sadio que lhe falta, ou mesmo como um ciúme frente ao pai, responsável pela chegada do novo menino.

“[...] odiei a camisa azul bebê que ele estava usando (comprada por papai, certeza), e sua corrida desajeitada até as asas do meu pai.” (HERINGER, 2016, p. 16, Grifo nosso)

Ao ingressar na trama amorosa entre os dois personagens, outra hipótese pode ser levantada sobre essa reação: segundo FREUD (1915), o sentimento de ódio frente a um objeto pode ser entendido como uma exteriorização da reação de desprazer frente a ele. No caso de Camilo, o ódio sentido em um primeiro momento frente a Cosme poderia, assim, ser entendido como uma reação ao desprazer sentido frente a um objeto-tabu, devido uma consciência moral [*Gewissen*], ou ainda, uma consciência de culpa do tabu [*Tabuschuldbewusstsein*] (1913) que ameaça castigo se uma transgressão (ou vontade de transgressão) existir.

"[...] Sentia minhas sobrancelhas muito peludas, porque era assim que eu imaginava a raiva no rosto das pessoas." (HERINGER, 2016, p. 19)

Em FREUD (1912), a cultura totêmica é aquela que infringe restrições familiares, impedindo as relações incestuosas de se efetivarem e, portanto, impondo sacrifícios à sexualidade humana. Essas restrições são mantidas através do estado de vigilância de uma instância interna (Supereu) frente ao Eu, gerando uma tensão responsável pelo surgimento da consciência de culpa. No caso do tabu, o propósito é equiparado à execução e é refreado pelo super-Eu igualmente (1915-1930) e o mal reprimido pela instância interna não é, necessariamente, algo ruim ou perigoso para o indivíduo. Inclusive, segundo o próprio Freud (1913), *"[...] só há necessidade do recalque e do tabu para algo muito desejado"* (THORSTENSEN, 2012, p. 22). No caso de Camilo, por exemplo, o objeto é desejado e matéria de prazer, mas é também um objeto proibido.

"É desnecessária uma ameaça de castigo externa, pois há uma certeza interna (uma consciência) de que a transgressão ocasionará uma intolerável desgraça." (FREUD, 1912, p. 21)

No início do livro, o narrador evoca um episódio que mostra se tratar de uma relação inicialmente não nomeada: *"[...] Aí eu perguntei se aquele era nosso novo irmãozinho. [...] A cara de papai atraiu todas as outras. Ele fez que ia começar a explicar, mas acabou não explicando nada: 'É, não é...'"* (HERINGER, 2016, p. 17). Surgem, assim, os questionamentos: eles se viam como irmãos? Trata-se de uma relação e de um amor incestuoso? Ao longo da história, porém, as respostas começam a aparecer e o autor indica que, sim, existia uma expectativa de que todos se reconhecessem como uma grande família e que, portanto, existia o incesto: *"Sinais de que estávamos cada vez mais irmãos"*

(HERINGER, 2016, p. 93). O fato de se tratar de uma relação de irmandade não conversada pode ser entendido como um facilitador do não impedimento moral e superegóico da concretização do incesto, visto que se a relação fosse conversada, nomeada e explícita, possivelmente o superego agiria com maior pujança, refreando o exercício da relação incestuosa.

Ainda sobre essa questão, surge, junto com uma carta da mãe de Camilo, a hipótese de Cosme ser filho biológico do pai de Camilo, fruto de um "sêmen estúpido dele próprio", filho de alguma vítima da ditadura e dos porões do DOPS, onde o pai de Camilo trabalhava como médico dando fim aos presos. Na carta, a mãe sem nome de Camilo "[...] diz que não sabia onde ou por que meu pai tinha resgatado Cosmim, mas ela achava que era o filho de uma de suas vítimas" (HERINGER, 2016, p. 37). Mais tarde, porém, quando Cosme é barbaramente assassinado, é a mãe de Camilo que dá a notícia ao menino, não reconhecendo o morto como filho e explicitando motivos para o não esclarecimento da relação de irmandade entre os meninos - Cosme era uma ferida no casamento e sangrava na mulher: "[...] Quem me deu a notícia foi a minha mãe. Papai não teve coragem. Eu estava dormindo, sono de adolescente, que sabe que as coisas acabam, mas não sabe de verdade. Ela veio e disse acorda, o seu amigo morreu. E passou a mão no meu ombro. Não me abraçou." (HERINGER, 2016, p. 113, Grifo nosso).

"[...] Ela achava que Cosme estava predestinado a desaparecer, que, filho de uma vítima de papai, ele próprio se tornaria vítima de papai."
(HERINGER, 2016. p. 127)

II. O incesto n'Ó Amor dos Homens Avulsos, na sociedade e na discussão psicanalítica

A proibição da relação incestuosa é frequentemente justificada, seja em discussões cotidianas ou em nível científico, através de um teor biológico que associa a relação entre pessoas de uma mesma família com consequências genéticas graves, o que seria lesivo à perpetuação da espécie humana devido à lógica do valor evolutivo das adequações. Essa explicação, mesmo muito difundida e com aspecto quase inquestionável em seu aspecto eugênico de manutenção de uma genética perfeita por levar em conta uma base teórica e científica - a questão genética dos genes recessivos - pode ser interpelada no momento em que desconsidera a diferença entre parentesco e relações de consanguinidade - uma coisa não significa outra. É sobre as relações de parentesco, com ou sem consanguinidade, que a proibição do incesto deverá se constituir, não bastando à biologia a explicação única desse fenômeno que pode ser tratado histórica, geográfica e culturalmente de maneiras dissemelhantes. Freud fala um pouco sobre a origem do horror ao incesto em *Moisés e o Monoteísmo* (1937), enfrentando essa explicação biologicista do tabu incestuoso:

"[...] A evidência do incesto entre deuses, reis e heróis ajuda-nos também a lidar com outra tentativa, a que busca explicar biologicamente o horror ao incesto e fazê-lo remontar a um obscuro conhecimento dos danos causados pelo cruzamento consanguíneo. Sequer é certo que exista perigo de danos por causa desse cruzamento, quanto mais dizer que povos primitivos pudessem tê-lo identificado e contra ele reagido" (FREUD, 1937-39, p. 134)

Por outro lado, para MORGAN (1871), antropólogo que também se dedicou ao tema, a proibição do incesto seria justamente a proteção da espécie dessas consequências funestas da biologia humana quando houvesse casamentos sanguíneos, pois em seu entendimento os conceitos de humanidade e parentesco estariam concentrados em um mesmo polo. Também sobre as justificativas e entendimentos de lógica biológica, BISCHOF (1972) afirma existir forças endócrinas e ecossociais responsáveis por limitar as relações e os encontros que, para os humanos, seriam incestuosos, existindo para o autor espécies de barreiras fisiológicas sobre o ato incestuoso.

"[...] o incesto manifesta-se, através do relacionamento sexual entre pessoas que são membros de uma mesma família (exceto os cônjuges), sendo que a 'família' não é definida apenas pela consanguinidade ou mesmo afinidade, mas, principalmente, pela 'função social de parentesco' exercida pelas pessoas dentro do grupo."
(COHEN & GOBBETTI, 2003. p.2)

Em LÉVI-STRAUSS (1976), a explicação dessa proibição está na relação entre os termos - não neles em si - exigindo uma análise de abordagem estruturalista que busque entender a posição das pessoas em um determinado sistema de parentesco (LOBATO, Pimenta, 1999) para que se tenha uma boa compreensão sobre o estabelecimento universal dessa proibição. O autor, em seu livro *As estruturas elementares do parentesco* (1949), aborda a passagem do homem da natureza à cultura como possível apenas a partir da interdição do incesto, discutindo as regras de nomeação do parentesco, regras que permitem a identificação de uma relação conjugal ou sexual entre membros de um grupo como sendo ou não proibida e, assim, desbiologizando a discussão.

Levi-Strauss usou do estudo da oposição da natureza à cultura, de maneira humanista, para analisar o funcionamento das normas, principalmente as que se referem ao totemismo e ao canibalismo. Ele foi

o responsável por recorrer às referências animais para precisar a regra do incesto nos homens usando de uma técnica de comparação e contraste para a formulação da teoria e encontrando a proibição do incesto como comportamento imutável para além das muitas diversidades humanas e animais e acabando por romper com o naturalismo que cercava a discussão. Em *As Estruturas Elementares do Parentesco* (1949), o autor inicia o primeiro capítulo distinguindo o estado de natureza do estado de sociedade, distinção que parte da capacidade normativa dos homens, e também a noção de instinto e inteligência. É nessa discussão que entra a discussão sobre os primatas, a que KECK (2015) pontua dizendo que “[...] *o que falta então, aos macacos para se tornarem homens? Falta a eles a proibição do incesto, que abre, no domínio dos comportamentos sexuais, uma primeira regulação social*”, baseando-se no que diz Levi-Strauss sobre o parentesco humano e o princípio do cônjuge proibido.

“[...] quando um homem se proíbe de se casar com uma mulher de seu clã, ele afirma o princípio social ao qual um clã deve se aliar a um outro clã. Passamos assim, de uma ‘versatilidade’ que caracteriza, de acordo com Lévi-Strauss, a vida mental dos grandes símios, à ‘reciprocidade’ que define a vida propriamente social dos humanos” (KECK, 2015)

Strauss traz uma mudança de tamanha relevância para o entendimento da proibição do incesto quando passa da noção de fator natural de consanguinidade para o fator cultural por trás da ideia de *aliança*. Seguindo o mesmo caminho, CYRULNIK (1994), diz que “[...] *A etologia do incesto pode, então, descrever uma estrutura afetiva, seu lugar, seus efeitos emocionais e comportamentais, mas não pode fazer nada com aquilo que só existe no mundo da verbalidade.*” (CYRULNIK, 1994, p. 42) se referindo à nomeação do incesto como algo que parte do

mundo humano, mesmo que haja também no mundo animal a tendência de voltar o desejo e os comportamentos sexuais à objetos exteriores. A questão do trato verbal aparece, então, como agente de consagração da lei do incesto, sendo a nomeação clara dos papéis familiares ponto inicial para a proibição das relações intrafamiliares na cultura, para barrar qualquer relação incestuosa. Quando Cosme chega sem um papel definido na família, sem uma função de irmão definida e sem uma aliança clara (vide o trecho da página 17 do livro: “[...] perguntei se aquele era nosso novo irmãozinho [...] perguntei para machucar. A cara de papai atraiu todas as outras caras [...] ‘é, não é...”), essa identificação é impossibilitada ou, ao menos, dificultada, o que leva a uma consumação do incesto que não passa integralmente pelo acordo social, ou seja, pelo trato verbal da proibição.

“A proibição do incesto é menos uma regra que proíbe casar-se com a mãe, a irmã ou a filha do que uma regra que obriga a dar a outrem a mãe, a irmã e a filha. É a regra do dom por excelência”
(LÉVI-STRAUSS, 1976, p. 522)

A Psicanálise, porém, baseia a sua explicação sobre o horror incestuoso e a sua proibição através do totemismo/totemismo, que seria a forma mais primitiva de religião - aquela que dá continuidade às vontades do pai. O totemismo contém uma série de proibições e renúncias instintuais que partem da adoração ao totem e dão origem a uma ordem social e moral no grupo, lembradas sempre pela figura paterna (figura do totem) e que impõe as peculiaridades afetivas do grupo. Esse lembrete familiar da proibição aparece na literatura de Raduan Nassar, em *Lavoura Arcaica* (1975), quando o autor diz que era importante para os membros de uma mesma família, “[...] não esquecer[em] também as peculiaridades afetivas e espirituais que nos uniam, não nos deixando

sucumbir às tentações” (NASSAR, 1975), lembrando o padrão relacional do grupo familiar e se comportando nos limites afetivos do mesmo.

"[...] A ordem em favor da exogamia, da qual o horror ao incesto é a expressão negativa, era um produto da vontade do pai [...] Daí provém a força de seu tom emocional e a impossibilidade de descobrir uma base racional para ela - isto é, sua sacralidade" (FREUD, 1937-39, p. 134)

O incesto entre os personagens é vivido sem que seja visto ou significado como uma violência e pode ser lido através das lentes do consentimento. Enquanto GOBBETTI (2000) expõe as relações incestuosas como sendo sempre “um abuso sexual intrafamiliar”, o sociólogo FIGARI (2009) aponta para a outra via: o incesto consentido. Segundo ele, *"[...] o problema de todo debate sobre incesto é que ele continua sendo colocado a partir da parentalidade, ou seja, a partir da vinculação reprodutiva e não da possibilidade do desejo."* (FIGARI, 2009, p. 436). O incesto consentido ainda é pouco tratado e reconhecido nos âmbitos de pesquisa, ficando sempre à berlinda do abuso sexual incestuoso, tema que aparece mais frequentemente na produções sobre o assunto: *"[...] há poucos estudos sobre o tema do incesto entre irmãos, sendo que os poucos encontrados abordam a problemática do incesto atrelado ao abuso sexual (geralmente um irmão maior que abusa de um menor, um pai que abusa da filha, etc) e que não havia estudos que abordavam a relação incestuosa consentida (entre jovens de idade próximas ou entre dois adultos)"* (GOUVEIA, 2018, p. 11). Em *O Amor dos Homens Avulsos*, a relação entre os irmãos se estabelece de maneira amorosa e acordada, sem nenhuma relação de poder inferindo na consumação da relação. Fica claro em alguns trechos do livro esse apaixonamento mútuo entre os irmãos, como nos fragmentos: 1. *"[...] Cosmim estava nervoso. Puxou meu pulso, queria ir embora logo. Agarrei sua mão, entrelaçamos os dedos. [...] Desenroscamos os dedos*

(vergonha das mãos dadas por tanto tempo, mãos de namoradinhos)." (HERINGER, p. 58); 2. *"[...] Cosmim pôs a mão no meu ombro, depois me fez um cafuné breve. [...] Aí tentou se meter de costas nos meus braços [...] logo ficou tímido e se afastou"* (HERINGER, p. 82); 3. *"[...] Meu primeiro beijo. [...] Foi Cosmim que parou primeiro [...] Silêncio. Aí ele me deu um beijo. [...] Foi como se a gente tivesse tido essa vontade desde sempre"* (HERINGER, p. 92).

Diferente de outros países, no Brasil a relação incestuosa entre irmãos não é vista como crime perante a lei, mas também não parece ser reconhecida como uma relação pertinente entre adultos desejantes, visto que a união matrimonial ainda não pode ser formalizada judicialmente, sendo barrada pelo artigo 1.521 do Código Civil datado de 2002.

"[...] a sexualidade humana aparece como a principal atividade humana que dá origem ao mundo normativo e às regras do Direito" (BORRILLO, 2015, p 2)

A psicanalista THORSTENSEN (2012), em sua publicação sobre a incestualidade, é certa quando afirma que *"[...] desde Freud, sabemos que o inconsciente humano é sexual e que em torno do desejo incestuoso e da interdição de sua passagem ao ato organiza-se a família. A incestualidade, portanto, permeia a família e, em seus aspectos vitais e necessários, é responsável pela constituição psíquica das novas gerações"* (2012, p.18). O incesto é, ao modo que Freud denomina aquilo que é familiar e inquietante de *o estranho*, secretamente familiar. Existe, porém, um silenciamento do assunto e da discussão acerca do desejo incestuoso, principalmente o infantil, que não corresponde à sua importância e assiduidade no papel que assume durante a fase da descoberta sexual, quando objetos que circulam proximamente o sujeito em questão, como irmãos geralmente de idades próximas, torna-se objeto de libido. Ou seja, o desejo incestuoso ocupa uma posição clara e inerente naquilo que é central à psicanálise, o desenvolvimento da sexualidade, e ainda assim

existe uma relutância no que tange a discussão que, quando ocorre, costuma patologizar a questão.

"[...] O incesto mesmo, o o simples fato de dever falar dele, provocam um tal desgosto a alguns que, por vezes, como na China e Indonésia, não se pode pronunciar a palavra. Compreende-se, então, que se trata do impronunciável."
(CROMBERG, 2001, p.29)

Vale lembrar que, embora a discussão atual sobre incesto e incestualidade seja quase renegada, FREUD (1909) já conversava com esse tipo de relação e impulsos incestuosos em seu desenvolvimento teórico, como no caso do *Pequeno Hans* e o seu desejo vinculado à figura materna. Se analisado de maneira bruta, o próprio complexo de Édipo - raiz da teoria psicanalítica - se estabelece de um desejo incestuoso, mesmo que não completamente com fins sexuais.

"[...] Problemas que fizeram correr muita tinta, como a proibição do incesto, só podem receber solução exata se os considerarmos como casos particulares de um sistema que abranja a totalidade das interdições religiosas numa determinada sociedade" (CAILLOIS, 1950, p.71)

III. Masculinidade, sexualidade infantil e o desenrolar da relação entre os irmãos Cosmim e Camilo.

Em FREUD (1915), o amor e o ódio são entendidos como possuidores de origens e tempos distintos, sendo que o Eu amaria apenas a si mesmo e se manteria indiferente ao mundo em um primeiro momento, enquanto o ódio ganharia lugar e atingiria o seu objetivo após a fase narcísica, quando dá-se início a fase objetal (FREUD, 1915). Em *O amor dos homens avulsos*, o ódio do narrador-protagonista se desfaz junto a um episódio de fúria e agressão, dando espaço para o afeto se mostrar menos grosseiro: “[...] incendiou minha raiva, que derreteu meus olhos e eu não vi mais nada. Já estava no chão, o cotovelo ralado e o cajado rolando para longe depois de ter acertado o rosto de Cosme” (HERINGER, 2016, p. 31) e, mais adiante, “[...] depois da bengalada que dei nele, meu ódio perdeu o nome e o formato de Cosme. Aí, de um golpe, comecei a amá-lo.” (HERINGER, 2016, p. 33).

Depois do episódio de agressão física em que Camilo acerta o rosto de Cosme com a bengala, a relação com o objeto se transforma e dá-se início às experimentações. Camilo, em uma cena de intimidade e pensando em pernas masculinas, começa a se masturbar na cama da mãe, descobrindo pela primeira vez o gozo, substância sexual da sua satisfação: “[...] Meu pau acordou aos pulinhos [...] era a primeira vez que saía algo. Achei que tivesse me mijado.” (HERINGER, 2016, p. 34). O gozo veio após o pensamento chegar na figura de Cosme, que acaba presente na cena e testemunhando o ato: “[...] O pau de Cosme se meteu na fita. Como devia ser? Gordo e mais mulato que o restante do corpo. Um anel de pele enforcando a cabeça. Espumaria? [...] Cosme. Cosme com medo de papai. Cosme correndo atrás da minha irmã, as mãos grandes do Cosme. [...] Cosmim estava na porta me espiando. [...] Não se assustou quando eu me assustei. Nem piscou quando eu me contorci todo para levantar a calça. Continuou quase sorrindo, com aquela

calma esquisita. Limpei o gozo gosmento no lençol e esperei" (HERINGER, 2016, p. 35). Mais tarde, Camilo vive uma cena de masturbação conjunta com os amigos em uma senzala abandonada e, com Cosme presente, aprende a masturbação que ultrapassa as excitações mecânicas passivas.

"[...] Como eu nunca tinha pensado nisso? Puxar a pelinha!" (HERINGER, 2016, p. 68)

Em FREUD (1901-1905), a terceira fase da masturbação infantil é aquela que corresponde à masturbação na puberdade, quando o instinto sexual deixa de ser predominantemente autoerótico e passa a encontrar um objeto sexual, além de contar com o desenvolvimento dos genitais e a nova capacidade de fornecer produtos/substâncias sexuais. É nessa fase que Camilo conhece e elege Cosme como objeto do seu erotismo, do seu desejo e daquilo que lhe confere a vida sexual interior. É também nessa fase que goza a substância da masturbação nos lençóis da própria mãe, pensando no menino, seu irmão. Camilo, então, passa dias aturdido com a ideia de engravidar aquela que lhe deu a vida, ilustrando um medo edípico inconsciente de castração: *"[...] Aí me lembrei da aula de ciências, aí entendi o que era aquilo que tinha melado meus dedos, que eu tinha limpado no lençol da mamãe. Aí tive o horror bisonho: e se minha mãe rolasse ali e ficasse grávida? Eu seria pai do meu irmão! Foi a única vez que rezei. Deus ouviu minha prece."* (HERINGER, 2016, p. 36).

A diferença entre uma mera atividade sexual e o erotismo se encontra na finalidade do ato: no erotismo, a finalidade não se define pela reprodução, mas sim pela busca psicológica pelo prazer, tornando a atividade sexual nos seres humanos uma *prática erótica*. O erotismo é a interioridade do desejo, como diz BATAILLE (1954), sendo característico de cada indivíduo e não necessariamente prevalecendo sobre a atividade meramente sexual humana.

"[...] O erotismo do homem difere da sexualidade animal justamente no ponto em que ele põe a vida interior em questão. O erotismo é na consciência do homem aquilo que põe nele o ser em questão." (BATAILLE, Georges. 1954, p. 20)

Bataille, ao tratar sobre a questão do erotismo, tenta fazê-lo sob a noção da vida interior/religiosa do homem. Ele o faz porque, para o autor, o erotismo leva o homem a se colocar conscientemente em questão, ou seja, no erotismo o Eu se perde de maneira voluntária. O autor também liga o erotismo a uma *vida religiosa* no que se refere à transgressão e interdição. Diz ele: *"[...] As imagens eróticas, ou religiosas, suscitam essencialmente em uns os comportamentos do interdito, em ou mis, comportamentos contrários. [...] Aí esconde-se o suporte do erotismo e se encontra, ao mesmo tempo, o suporte das religiões."* (BATAILLE, 1954, p. 24). Em paralelo com a obra de Heringer, poderíamos dividir o erotismo de Camilo em dois momentos: o primeiro, de interdição; o segundo, quando se permite experienciar e desafiar o próprio desejo erótico, de transgressão. Nesse caso, a interdição pode ser entendida como um fator da neurose, algo não justificado - vindo de fora - e que tem o seu funcionamento pautado no sentimento de medo, enquanto a transgressão não seria a sua negação e sim a ultrapassagem desse sentimento.

O sentimento de medo que pauta a interdição pode ser entendido, como o medo de render-se às necessidades essencialmente animais negadas pelo homem - o medo de estreitar a lacuna que nos separa dos bichos, o orgulho do ser racional. Seria o medo do obsceno a origem da interdição, como se obsceno partisse de um "si só", de uma existência arbitrária, e não de uma relação. Como diz Bataille, *"[...] isto é obsceno se esta pessoa o vê e o diz, pois não se trata exatamente de um objeto, mas de uma relação entre um objeto e o espírito de uma pessoa"* (BATAILLE, 1954, p. 141). O incesto, enquanto uma prática erótica e, no caso da obra de Heringer, uma prática erótica homossexual, não escapa do estigma moral daquilo que é obsceno.

"[...] O incesto é uma dessas situações que não têm existência, arbitrária, senão no espírito dos seres humanos [...] O incesto é o testemunho primeiro da conexão fundamental entre o homem e a negação da sexualidade, ou da animalidade carnal."
(BATAILLE, 1954, p. 141)

O livro de Heringer traz fortemente em sua cronografia a questão da masculinidade, sendo a homossexualidade o assunto central do livro em sua superfície narrativa e também questão que ainda hoje gera diversas discussões teóricas dentro da comunidade psicanalítica, principalmente pelas acepções antiquadas presentes na elaboração da teoria e que andam sendo revisadas e adequadas ao conhecimento de causa que hoje se possui, alterações que se deram por influências externas. Segundo Bleichmar (2009), precisamos colocar em questão a concepção da intencionalidade inconsciente que rege a concepção e discussão na psicanálise sobre os desejos homossexuais, trazendo a relação impossível entre haver algo no inconsciente (os desejos homossexuais) oposto àquilo que existe no consciente, posto que nada é no inconsciente. Assim, a autora afirma que *"[...] não se é homossexual no inconsciente, já que o inconsciente desconhece a distinção que levaria à diferenciação entre homossexualidade e heterossexualidade"* (BLEICHMAR, 2009, p. 13).

"A psicanálise tem uma dívida com os homens que se aventuraram no divã. Uma dívida clínica, mas também uma dívida ética. Esta dívida é, em primeiro lugar, com nossos pacientes, por terem interpretado seus fantasmas de masculinização - que em muitos casos se expressam uma tendência para a busca pela incorporação da virilidade do relacionamento com outro homem - como fantasmas homossexuais." (BLEICHMAR, Silvia, 2009, p. 13)

É válido tratar aqui dos desejos homossexuais como sendo desejos de introjeção da masculinidade do outro, do falo paterno, sendo o sujeito retirado da "*presença capturante da mãe*" (BLEICHMAR, 2009, p. 20) quando empreendidos. Em BLEICHMAR (2009) ainda, a constituição da sexualidade masculina se dá a partir de três momentos, sendo eles: 1. a etapa em que se constitui a identidade de gênero masculina, sendo gênero não resumido ao caráter genital e sim à identidade referida/oferecida pelo outro e em que o sujeito se inscreve em uma proposta identificatória que o humaniza 2. a etapa em que acontece a bipartição consciente dos sexos, a diferença anatômica e a incorporação do masculino e 3. a etapa das instâncias ideais onde se oferecem as camadas identificatórias secundárias. Ao fim dessas três etapas, segundo a autora, encontramos o paradoxo da sexualidade masculina: ser como o pai enquanto sujeito sexuado ao mesmo tempo em que não se é como ele, ou seja, possuidor da mãe. É aqui que o laço entre o paterno e a homossexualidade é traçado na psicanálise: existe um rasgo onde haveria a identificação plena, um rasgo que diz respeito à rivalidade e que é superado com um enlace afetivo, de amor - ou seja, a identificação do menino com o pai tem necessariamente um traço do que seria o homossexual.

Como dito anteriormente, a homossexualidade masculina pode ser associada a uma tentativa de incorporação fantasmagórica do falo adulto - do significante do falo paterno - assim como a incorporação de sua potência e virilidade. Isso significa, dito de outra maneira, que o sujeito articulado introjeta em sua masculinidade a potência do outro enquanto, paradoxalmente, ele próprio é atravessado também pelo feminino.

Se a cena da masturbação inicia o vínculo sexual entre os irmãos, é o episódio de consagração do ato sexual entre eles que dá início à trama que levará ao assassinato de um dos personagens: "[...] *Cosmim dormia do meu lado na cama, o lençol abafava os nossos recém-calores [...]* o

barulho da maçaneta acordou o Cosme e lá estava o assassino dentro do quarto [...] viu logo que estávamos nus” (HERINGER, 2016, p. 109).

“Se você quer saber, era ele quem me comia. Sempre. Com óleo de amêndoas roubado da minha mamãe, mamãe, mamãezinha. Não é isso o que incomoda? Então, eu é que devia estar morto, esfaqueado ao meio-dia.” (HERINGER, 2016, p 115)

Consumado o ato sexual incestuoso, de acordo com a lei do totem e como consequência do horror, dá-se início ao momento de repreensão, mesmo que o flagra da transgressão tenha sido feito por alguém de fora da família: o ato incestuoso é sempre repreendido e punido com consequências claras, seja quais forem elas. No caso d’*O Amor dos Homens Avulsos*, essa interdição acontece através de uma violência trágica, mostrando se tratar de uma repreensão não pautada na moral e no limite do razoável - até porque não se tratou de uma situação clara de reprimenda, o agressor não tinha necessariamente uma intenção consciente de recriminar os garotos sobre o assunto - mas em uma perversão violentamente erótica no castigo, visto que Cosme é encontrado morto “[...] de bruços, só de cueca no mato alto da ex-senzala” (HERINGER, 2016, p. 110).

O assassino, homem que flagrou os irmãos juntos na cama, foge deixando a mulher grávida e não é dado como culpado por mais ninguém além de Camilo, que tenta a ajuda do pai: “[...] Como eu não tinha ensaiado o que ia dizer, disse de uma vez: ‘Quem matou o Cosme foi o marido de Paulina’. Ele caiu na gargalhada (Por quê?) [...] Foi como se eu tivesse enfiado a piada perfeita no momento certo [...] Ele descobriu ali na hora que eu ficaria ressentido para sempre” (HERINGER, 2016, p. 124-125). Camilo, então, passa a sofrer um luto intenso com a perda de

Cosme, seu irmão e amor: "[...] *(A barriga do meu olho latejava. Estava cansado. Nunca mais dormi bem).*" (HERINGER, 2016, p. 121).

"Um homem fugiu no mesmo dia, mas a polícia decidiu que a fuga tinha muito mais a ver com a barriga inchada da mulher do que com a barriga esfaqueada do menino" (HERINGER, 2016, p. 123)

IV. O luto e a melancolia n'O Amor dos Homens Avulsos

A melancolia é tratada por Freud relacionada ao luto. Em seus textos, Freud não discute abertamente sobre se tratar de uma condição neurótica ou psicótica, mas cria a categoria das psiconeuroses narcísicas a fim de explicá-la. FREUD (1917) trata tanto do luto, quanto da melancolia, como estados correlacionados à perda do objeto, sendo que estes se diferenciariam entre si a partir da perturbação do sentimento de autoestima no sujeito: essa perturbação ocorreria apenas no estado melancólico, faltando no luto. *O amor dos homens avulsos* costura a história da infância do narrador-protagonista com relatos de um Camilo adulto, taciturno, pós-Cosmim - um melancólico perfeito.

"Mesmo quando decepado, o tentáculo dos polvos continua vivo, anda por aí à procura de comida. Quando acha, pega o alimento e faz o gesto de levá-lo à boca, como se ainda estivesse conectado ao corpo. Até hoje eu vivo o luto do polvo, o luto de um pedaço do polvo, aliás, um pedaço até ridículo [...]" (HERINGER, 2016, p. 113)

Conforme surge no livro os momentos presentes do narrador, sua adulez e seus causos, surge a imagem de um Camilo nada altivo, ainda vivendo Cosme e o passado e se desinteressando por tudo o que não se conecta a isso: "[...] eu amo Cosmim, o primeiro e o único" (HERINGER, 2016, p. 73. Grifo nosso). O luto não elaborado de Camilo dá espaço para uma melancolia que se estende até a fase adulta do narrador e, não raramente, o mórbido e a rejeição aparecem em suas elocuições, fazendo com que o personagem não consiga enxergar a si próprio como merecedor ou pessoa melhor após o momento do passado, característica típica do empobrecimento egóico da melancolia: "[...] Eu cresci triste como um pombo. Fiquei adulto irritado, imprestável e sujo [...]. Eu sou

aquilo no qual ninguém quer pensar enquanto está almoçando [...] Quase não consigo achar beleza nas coisas.” (HERINGER, 2016, p 114).

*“[...] Cosmim morreu aos dezesseis (quinze?), tenho o triplo da sua idade; para mim, chega.”
(HERINGER, 2016, p. 24)*

ALVAREZ (2021) faz bem quando diz que são “[...] *duas condições muito diferentes [que] interferem na capacidade de uma pessoa vivenciar o luto: se lamuriar muito e se lamuriar muito pouco*” e ligando essa frase aos cinco estados mentais da melancolia descritos por Freud, principalmente ao quarto estado - o narcísico, aquele que faz do processo de luto um processo viciado de lamúrias. A autora também traz para a discussão o papel do objeto interno e do nível de desenvolvimento das primeiras introjeções no processo de enfrentamento ao luto, podendo ser a perda do objeto externo uma ameaça ao objeto bom interno, um lembrete de que este também pode ser perdido. Vale lembrar que essa perda pode ser real ou simbólica, sendo um processo recorrente durante o desenvolvimento humano - a simples perda do corpo infantil na passagem para a adolescência, por exemplo, já implica uma perda - e que chegaria a uma elaboração através do desligamento (parcial) da libido a cada lembrança do objeto perdido.

“[...] quando se instala o luto adulto, o indivíduo tem uma fantasia inconsciente de que com o objeto perdido todos os seus objetos bons, inclusive seus pais bons internalizados, foram perdidos, predominando então os objetos maus, reativando assim a posição depressiva e suas ansiedades derivadas: culpa, sentimentos de perda provindos do desmame, complexo de Édipo e outras fontes” (CAVALCANTI, 2013, p. 96)

Esse desligamento parcial da libido é essencial para que um processo de luto seja vivido de forma saudável e que termine em uma elaboração da perda. Quando esse desligamento não ocorre, essa energia libidinal se volta para o próprio ego do sujeito enlutado, gerando uma identificação entre ego e objeto perdido - é essa a definição de melancolia que usaremos aqui. A introjeção do objeto morto é perturbadora, pouco confortável, por invocar o sofrimento que um objeto imiscível é capaz de causar. MENDLOWICZ (2000) aborda isso em seu artigo "O luto e seus destinos":

"[...] A introjeção de um morto que se quer vivo, de um morto-vivo, é uma solução de compromisso provocadora de intensa angústia, indutora de um pouco de morte. Estamos supondo que, em muitos casos, a perda por morte e a conseqüente introjeção do objeto morto, transformado num morto-vivo, provoca uma intensa angústia que não está vinculada nem à ambivalência, nem à culpa, mas sim ao desejo de se unir ao objeto, à impossibilidade de se separar dele, e ao mesmo tempo, ao terror que essa união significa: a nossa própria morte." (MENDLOWICZ, 2000)

O Amor dos Homens Avulsos é um livro inteiro de lamentações, a perda ressoa entre as páginas. Camilo mostra, enquanto relata as suas memórias e os seus pensamentos, ser um homem com a psique completamente desestruturada após passar por conseqüentes perdas, começando com a perda do corpo saudável e acabando com a perda de Cosmim. Camilo significa a perda de Cosme como a sua própria perda, como a perda de qualquer coisa que possa ser boa, perda de qualquer objeto que possa ser introjetado como sendo um objeto bom. O narrador, já bem mais velho do que quando encarou o acontecimento, ainda se mostra completamente imerso no drama e na dor do enlutamento, mesmo após passados os anos, incapaz de desligar a libido do objeto

morto - sendo incapaz de enterrar o morto, acaba enterrando a si próprio no lugar.

Fica claro, em cada parágrafo do livro, que o ego do narrador é um ego fragilizado, pois é um ego que recebe a libido que seria direcionada ao objeto perdido, sendo assim um ego identificado como objeto exterior (que está morto) e sofrendo constantemente as resistências da psique e os maus tratos do Supereu. Como disse LUSTOZA (2018), "*[...] eis um sujeito que não espera que mais nada de bom lhe aconteça; não porque o mundo seja fundamentalmente mau, mas porque a nocividade residiria no próprio Eu*".

"[...] O melancólico interpreta o infortúnio como uma perda do amor do Supereu. A perda do lugar que o fazia amável aos olhos do Outro leva o sujeito a se despir da vestimenta narcísica com que se recobria. Em vez de se identificar à imagem idealizada que fascina o olhar do Outro, o sujeito passa a se identificar ao resto largado, abandonado, rejeitado pelo Outro. Ele se torna alvo da hostilidade desse Outro que o abandonou e se deixa morrer." LUSTOZA, Rosane. 2018.

V. O papel das lembranças e a transferência perversa

FREUD (1893) traz a ideia de que as lembranças são carregadas de afeto e que, frente a isso, o sujeito recorre às repetições, dolorosas ou não, e de maneira inconsciente, de modo a alcançar elaborações e reviver os afetos. Segundo ele, há uma relação direta entre a retenção de um evento na memória e a sua importância psíquica, sendo que a quebra dessa relação seria característica de um estado patológico no adulto. Camilo sabe a força da impressão que tem frente às suas memórias com Cosme e, não raramente, indica reviver o amor pelo irmão através de atitudes dolorosas: já adulto, Camilo adota Renato, o neto do assassino de Cosme; o menino parece assumir um papel punitivo: olhando para ele, Camilo olha indiretamente para os traços do assassino que acabou com a vida do seu irmão e amor.

"[...] essas recordações do narrador-protagonista quando postas em diálogo com os estudos elaborados por Freud (1893/2016) deduzem que os acontecimentos motivadores continuam atuando, mesmo anos depois, através de uma corrente de elos interligados capazes de provocar ou fazer vir à tona alguns sentimentos semelhantes, principalmente pela necessidade de repetição." (Modesto, Edcleberton de Andrade)

É quando Camilo diz que *"[...] Minhas coisas têm memória, e a memória delas está atrelada à de Cosmim, e a dele está atrelada às de outras pessoas e assim por diante."* (HERINGER, 2016, p. 103) que o neto do assassino passa a representar indiretamente a própria imagem de Cosme, dando início a um afeto entre Camilo e o menino, de quem cuida paternalmente. Camilo, durante as últimas páginas do livro, teme que lhe seja tomada a guarda roubada do menino e, conseqüentemente, teme que lhe tirem mais uma vez Cosme, medo que encerra a obra: *"[...] A*

ex-mãe vai querer o garoto de volta. Se o telefone tocar no dia de Natal e ela avisar que um oficial de justiça, que o primo policial, que ela mesma vai buscar. [...] Mas ninguém bate à porta." (HERINGER, 2016, p 152). O próprio tom narrativo do livro lembra a prática psicanalítica de livre associação e o processo terapêutico da fala, rememorando e revivendo afetos através da contação de histórias.

"[...] sua urgência por externar suas lembranças como parte de um processo catártico daquilo que carregou e o aprisionou por toda a vida. Assim, ao passo em que vai despertando as memórias dos acontecimentos, a personagem aviva os afetos que o acompanha, pondo-os em palavras." (Modesto, Edcleberton de Andrade)

A relação que se estabelece entre Camilo e o menino Renato gera assim, e logo de início, um estranhamento no leitor. Camilo adquire, em alguma instância, um tom perverso e predador em relação ao garoto, sendo recorrente o uso de descrições físicas que remetem ao sexual e ao agressivo. Nas partes em que são relatados os momentos entre o narrador e o menino, uma possível atitude criminosa parece ficar sempre à espreita, mesmo nunca acontecendo de fato. Camilo chega a citar pensamentos intrusivos sobre essa violência fantasiosa, essa espécie de compensação e resgate ao Cosme: para além da própria vingança contra o sangue do real assassino, passa a existir uma identificação de Camilo com o agressor, reproduzindo o teor erótico e violento da cena do assassinato de Cosme nas elocubrações com/sobre Renato. Funcionaria como uma espécie de transferência perversa.

O corpo do Renato é um corpo que fascina o narrador, por isso a sensação presente de um fundo perverso e de uma intenção predatória de Camilo - para ele é, sobretudo, um corpo que lembra. O tom é sempre parafílico. Ao mesmo tempo, Camilo parece gozar de uma satisfação de filho, como aparece nos momentos em que exerce com o garoto uma

atitude cuidadosa de pai. É justamente isso, em conjunto com a transferência perversa de Camilo, o que acaba perturbando o texto e tornando a leitura incômoda.

A perversão do narrador, em termos psicanalíticos, entraria naquilo que FREUD (1996) chamou de fetiche patológico. Ou seja, seria o fetiche em que o objeto (o "outro", ou seja, o Renato) não ocupa o papel de *a/vo*, mas de *meio* para se chegar ao objeto fetiche - no livro, o objeto fetiche pode ser ligado ao pressuposto de vingança. É importante dizer que essa perversão entraria mais ao que se chamou de "montagem perversa" do que no diagnóstico diferencial em si, sendo que um se diferencia do outro no que diz respeito ao seu surgimento: na montagem perversa, a perversão surge como saída para algumas situações, principalmente de situações traumáticas e/ou incômodas, através de um movimento transferencial, enquanto a perversão como diagnóstico é estruturalmente imposta pelo desejo inconsciente. Como explica MARTINHO (2011, p. 138), "[...] Deve-se identificar como o cenário de gozo¹ na fantasia se coloca em relação ao desejo inconsciente".

¹ A noção de gozo (*Genub*), aqui, é trabalhada a partir da teoria freudiana de satisfação de um desejo, muitas vezes implicando em uma transgressão.

4. Conclusão:

A relação entre os irmãos se mostra, ao final do livro, como sendo completamente desestruturante na vida do narrador-protagonista, mesmo depois de passados os anos, mesmo depois de ter sido imposto um fim. É uma vida que não se desconecta do passado e da perda, vida que não acontece livre de grande sofrimento. Assim, o sentimento de avulsão retratado no título do livro parece durar durante toda a obra e vida do personagem, inicialmente pela sua condição física, condição que lhe diferencia do restante dos meninos, e depois pelo tipo de relação que estabelece com o irmão, mesmo depois que este é morto. Afinal, é esse o sentimento típico do melancólico.

Analisado sob lentes psicanalistas, é possível dizer que se trata de uma história minuciosa, rica na ilustração dos impasses, dos processos e da profundidade subjetiva do funcionamento do psiquismo humano. É uma obra que trabalha, através do uso narrativo da literatura, o desenrolar psíquico da vida de um homem perturbado pelos encaminhamentos da própria história e das suas relações. *O amor dos homens avulsos*, com a sua riqueza descritiva daquilo que é mais íntimo e perturbador do homem, nos empresta material suficiente para entender, analisar, gozar e agonizar com uma trajetória completamente lamuriosa que passa pela falta, pelo incesto, pelo luto e pela impossibilidade de se recuperar dos embaraços de maneira saudável. Através desse trabalho, fica estabelecida a importância de cada um desses acontecimentos para o desenrolar da condição psíquica do narrador, sendo o incesto e o luto os processos principais de adoecimento do personagem e o relato, a literatura, como caminho para uma elaboração. É, porém, uma trajetória enferma desde o começo.

Foi buscado, através dessa pesquisa, entender a relação entre a efetivação do incesto consentido entre os irmãos e a proporção das muitas consequências psíquicas dessa relação na vida do personagem, principalmente sobre o estado maníaco-melancólico em que se encontra

quando adulto e a sua posição psíquica frente aos objetos e a vida, pensando em possíveis contribuições da psicanálise à leitura crítica de literaturas e também o inverso, as possíveis contribuições da literatura às problemáticas e entendimentos psicanalíticos.

5. Referências Bibliográficas:

BATAILLE, Georges. L'expérience intérieure. Paris: Gallimard, 1954

BATAILLE, Georges. O Erotismo. Porto Alegre: L&PM, 1987.

BELLEMIN-NOEL. Psicanálise e Literatura. Paris, PUF, 1978 (Que sais-je?).

BLEICHMAR, Silvia (2009). Paradojas de la sexualidad masculina. Buenos Aires: Paidós

BORRILLO, D. (2015). Por uma teoria pura da sexualidade. Bioética e direitos humanos. p.1-15.

CARVALHO, Ana Cecília. Limites da sublimação na criação literária, Estudos de Psicanálise, n. 29, p. 15–24, 2006.

CAILLOIS, Roger. L'Homme et le sacré. Paris, Gallimard, 1950 – tradução de Rita Amaral.

CAVALCANTE T., Leônia. O lugar da literatura na constituição da clínica psicanalítica em Freud. Psychê, vol. IX, núm. 16, julho-dezembro, 2005, pp. 115-132. Universidade São Marco, São Paulo, Brasil.

FIGARI, C. (2009). No ventre do pai: Desejos e práticas de incesto consentido. In: Prazeres Dissidentes. Rio de Janeiro: Garamond, p.425-454.

FREUD, Sigmund. Lembranças encobridoras. In: FREUD, Sigmund. Primeiras publicações psicanalíticas (1893–1899).

FREUD, Sigmund. Luto e Melancolia. Edição Standard Brasileiras das Obras Completas de Sigmund Freud, v. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1917 [1915]/1974.

FREUD, Sigmund. Totem e Tabu. In: FREUD, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. 1913.

FREUD, Sigmund. (1905) Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. Edição Standard Brasileira das obras completas, Rio de Janeiro: Imago, 1977.

_____ (1910) Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens (contribuições à psicologia do amor I). Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. Moisés e o monoteísmo, 1939 [1934-38]. In: _____. Moisés e o monoteísmo três ensaios. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 29-66. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 23).

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo, 1936- Freud e o inconsciente / Luiz Alfredo Garcia-Roza. – 24.ed. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

GOBBETTI, G.J. (2000). Incesto e saúde mental: uma compreensão psicanalítica sobre a dinâmica das famílias incestuosas. São Paulo. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Medicina de São Paulo.

GOUVEIA, M.S. (2018). Incesto consentido entre irmãos: um outro olhar a partir da psicanálise. São Paulo.

HERINGER, Victor (2016). O amor dos homens avulsos. São Paulo: Companhia das Letras. SEIDMAN, Steven (2007).

KECK, Frédéric. As relações homens/animais em Lévi-Strauss 1 Les relations hommes/animaux chez Lévi-Strauss Human/animals relations in Lévi-Strauss. v. 7, n. 1, p. 97-107, 2015.

KENA, Rayi (2021). Elogio à repetição: Matilde Campilho & Marília Garcia. Bragança Paulista: Margem da Palavra (2021). 180 p.

KLEIN, M. (1940). O luto e sua relação com os estados maníaco-depressivos. *Obras completas II*, Buenos Aires, Paidós-Hormes, 1975.

LEVI-STRAUSS, C. (1949/2008) As estruturas elementares de parentesco. São Paulo: Vozes.

LUSTOZA, ROSANE ZÉTOLO. Diagnóstico diferencial da melancolia em Freud e Lacan. Arquivos Brasileiros de Psicologia, v. 70, n. 2, p. 127–140, 2018.

MARTINHO, M. H. C. Perversão: um fazer gozar. 2011. 339 f. Tese (Doutorado em Psicanálise) -Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

MODESTO, Edcleberton de Andrade. O sentimento de avulsão em O amor dos homens avulsos, de Victor Heringer e Terra Avulsa, de Altair Martins. 2020.

MONIZ, Edmundo. As Mulheres Proibidas - o Incesto em Eça de Queirós. [S. l.]: José Olympio, 1993.

MORGAN, LEWIS HENRY. Sistemas de Consanguinidade e A unidade da Família Humana. Sistemas de Consanguinidade e A unidade da Família Humana. [S. l.: s. n.], 1871.

MENDLOWICZ, Eliane. O luto e seus destinos. Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica, 2000.

RABATÉ, Jean-Michel. Psicanálise e literatura: Por que, hoje? Trivium: Estudos Interdisciplinares, v. 9, n. 2, 2017.

RATTI, Fabiana Carvalho. A proibição do incesto e sua relação com a inserção do sujeito na sociedade. Estudo do "Caso Katharina" - Freud, 1893-1895. 1997. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, Brasil.

SANTOS, Katherine; MILENA LIETO SAMCZUK ; TANIA ELENA BONFIM. O conceito psicanalítico do luto: uma perspectiva a partir de Freud e Klein. p. 87–105, 2013.

THORSTENSEN, Sonia. Incestualidade: um pathos familiar. 2011. 120. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.

WATARAI, Cristina Fukumori. O contexto afetivo-familiar de relações incestuosas entre irmãos. 2009. 184 f. +. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2009.